

GRAFISMO INFANTIL E EXPERIMENTAÇÃO DE MATERIAIS – UM ESTUDO DE CASO

SHAYDA CAZAUBON PERES¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

1 Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – shay.cazaubon@gmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz um relato pessoal sobre uma pesquisa proposta para a disciplina de Artes Visuais na Educação I, do curso de Artes Visuais Licenciatura, da UFPEL. O objetivo deste trabalho é compreender o grafismo infantil a partir de um estudo de caso que envolve a descrição, análise e reflexão sobre atividades artísticas desenvolvidas por duas crianças de diferentes idades. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo com coleta de desenhos e pinturas realizadas pelas crianças, a partir de uma proposta idealizada pela autora, baseada em fundamentação teórica estudada. Com o aporte teórico de Derdyk (1989; 2010) e Lavelberg (2008), busco subsídios para entender as motivações infantis e características de cada fase, analisando os resultados obtidos nas produções artísticas de cada criança.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver essa pesquisa foi realizado um projeto de ensino composto por atividades práticas compostas por desenho e pintura, as quais foram realizadas por duas crianças de quatro e dez anos.

O projeto contou com o fornecimento de recursos e ferramentas para a concretização de atividades bi e tridimensionais como: lápis grafite, borracha, tesoura, cola, lápis de cor, canetinha hidrocor, giz de cera, pincéis, cola com glitter, tinta guache (vermelha, amarela, azul, preta, branca e magenta), massa de modelar, folhas de papel tamanho A1, A4 e A5, esponja de lavar louça, folhas secas de árvore, pena de ganso, lixas de madeira e escova de dente. A diversidade de materiais visava o despertar da curiosidade e experimentação, proporcionando variedade e multiplicidade na execução gráfica.

A primeira atividade foi realizada com a Lara, quatro anos. O tema proposto foi livre, onde a intenção pedagógica era a experimentação de materiais. Apresentei a ela a materialidade disponível, fazendo uma pequena demonstração de suas possibilidades gráficas e potencialidade expressiva. A segunda atividade foi realizada com o Miguel, dez anos, desenvolvendo procedimento semelhante.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as atividades práticas realizadas, foi possível perceber algumas características individuais de cada criança presentes na sua expressão gráfica.

Lara escolheu a experimentação com as tintas guache. Nessa primeira atividade, ela simplesmente moveu o pincel para lados alternados, sem preocupação em construir figuras, ou mesmo, fechar contornos com o objetivo de construir formas, formando garatujas (Figura 1). Para a criança “ver é crer” e o seu grafismo vai se desenvolvendo com base nas suas próprias observações, realizadas na ação gráfica (IAVELBERG, 2008).

Após, sugeri que utilizasse outros materiais como canetas hidrocor e lápis de cor; percebi então que ela mostrou outro tipo de linguagem e comportamento. Começou a desenhar formas fechadas, parecia que naquele momento ela tinha uma nova preocupação, que era na definição de formas, que a mão era realmente uma mão, que o sol era realmente um sol, e assim por diante (Figura 2). Durante todas as atividades realizadas, ela narrava histórias e ia contando o que ela estava desenhando, conforme o processo gráfico.



Figura 1 – Movimentação na pintura



Figura 2 – Definição de formas

Com o Miguel percebi que precisaria propor uma atividade inicial de experimentação de materiais, para que depois ele começasse a criar os desenhos. Dessa forma, perguntei a ele o que ele costumava ou gostava de desenhar e ele me respondeu que gostava de desenhar personagens de jogos e de filmes. Porém, afirmou que todos os desenhos que ele realizava eram feitos a partir de uma imagem preexistente, disse que não conseguia desenhar nada a partir da imaginação, necessitando de um desenho pronto como ponto de apoio inicial. Talvez o menino estivesse acostumado à repetição de formas preexistentes, em detrimento da criação de formas próprias. Desta forma, concordo com Lowenfeld e Brittain, quando afirmam que “[...] onde quer que ouçamos uma criança dizer “não sei desenhar isto”, podemos estar seguros de que em sua vida existiu algum tipo de interferência” (apud IAVELBERG, 2008).

Assim, o primeiro desenho realizado por Miguel surgiu a partir de uma forma preexistente, o personagem *Pou*. Notei que ele demorou bastante para concluir esse desenho, utilizando várias vezes a borracha para apagar detalhes que não lhe pareciam parecidos com o modelo original. Depois sugeri a ele que fizesse

novamente o mesmo desenho, só que a partir da imaginação e memória, e ele aceitou. Notei que ele concluiu rapidamente o desenho e não usou a borracha nenhuma vez. No final, mostrei para ele os dois desenhos e perguntei qual ele havia gostado mais, ele disse que o segundo, que tinha ficado mais parecido com o personagem de verdade. Ele optou por colorir somente este, utilizando lápis grafite, canetas hidrocor e lápis de cor (Figura 3).

As outras atividades realizadas foram com tinta guache. Nessa atividade ele fez experimentações com diferentes materiais, usou: pena de ganso, pincel e escova de dente. Fez vários testes escrevendo a letra do nome dele (Figura 4); depois desenhou e pintou o mesmo personagem que ele havia desenhado anteriormente. Ainda que o menino tentasse repetir a mesma forma percebi que nesta experiência ele havia depositado na imagem algo de si, ou seja, que conseguira criar, despreocupando-se da reprodução óbvia das formas. Conforme aponta Derdyk (1989, p. 64), “[a] criança em um determinado momento percebe que tudo que está depositado no papel partiu dela. Não lhe foi dado, foi inventado por ela mesma. Inaugura-se o terreno da criação”.



Figura 3 – Desenho de Miguel



Figura 4 – Pintura e experimentação

4. CONCLUSÕES

Nas atividades com a Lara pude perceber que as garatujas realizadas com tinta, em primeira instância, tinham a intenção de misturar cores, exercitando a curiosidade na experimentação dos materiais, sem preocupação em representar formas do seu cotidiano ou outras imaginadas. Ainda que ela verbalizasse algumas palavras enquanto pintava, eu acredito que a intenção daquele momento era a simples a mistura e a experimentações de materiais, exercitando a ação. Depois que ela partiu para os desenhos com canetinha hidrocor, vi claramente que a intenção dela era narrar uma história e depois desenhar, ou vice-versa.

Na segunda vivência, com o Miguel, notei que ele tinha uma grande preocupação na hora de desenhar, pois acreditava que o seu desenho deveria ser o mais fiel possível de uma imagem preexistente. Ele se mostrou inseguro no momento em que solicitei que ele desenhasse a partir da imaginação, mas depois que ele percebeu que o resultado ficou melhor do que o anterior. Assim, sentiu-se com mais segurança e com vontade de experimentar outros materiais.

O presente estudo de caso viabilizou uma melhor compreensão do universo gráfico infantil e do mundo particular de cada criança, no qual pude

compreender melhor as características individuais de cada fase. Essa pesquisa abriu um novo universo de questões a serem refletidas e possivelmente pesquisadas. Como futura professora de Artes Visuais e neste momento, atuando como bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência - Pibid, no subprojeto Artes Visuais, desta universidade, as vivências obtidas me oportunizaram experiências enriquecedoras e desafiantes, no sentido de desenvolver metodologias e estratégias adequadas de ensino-aprendizagem para alunos do Ensino Fundamental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Leandra. **Desenvolvimento motor e alfabetização**. Acessado em 15 jun. 2014. Online. Disponível em:
http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_69502/artigo_sobre_desenvolvimento-motor-e-alfabetizaao

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. Scipione: São Paulo, 2 ed., 1989.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. ZOUK: Porto Alegre, 4 ed., 2010.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança, prática e formação de educador**. ZOUK: Porto Alegre, 2 ed., 2008.